



Declaração à imprensa emitida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao final da visita ao Timor-Leste

Díli – Timor-Leste, 11 de julho de 2008

...da alegria de poder estar aqui visitando o presidente José Ramos-Horta, presidente do Timor-Leste e também o meu amigo Xanana Gusmão, primeiro-ministro do Timor-Leste.

Só para vocês saberem, eu tenho uma relação de amizade com esses companheiros. Quando eles eram oposição e lutavam aqui pela independência, eu era oposição no Brasil e lutava para chegar à Presidência da República.

É a primeira viagem de um presidente do Brasil ao Timor-Leste, depois da sua independência, e eu venho aqui com duas funções: uma como presidente da República do Brasil, para visitar um país que está consolidando o seu regime democrático, que está fortalecendo as instituições, e outra como companheiro desses jovens que lutaram tanto e que chegaram ao poder, e que agora estão dando passos importantes na consolidação da democracia no Timor-Leste. E também prestar nossa solidariedade ao presidente, pelo atentado que ele sofreu por parte de alguém com problemas de insanidade, porque não pode ter outra explicação para alguém tentar matar um presidente, companheiro do povo do Timor-Leste, como é o presidente José Ramos-Horta.

Eu saio daqui depois de visitar, sobretudo, o projeto de formação profissional, o Senai aqui no Timor-Leste, muito mais orgulhoso do que cheguei. É importante, e eu digo sempre para a juventude: um curso do Senai pode fazer alguém virar presidente da República. Foi o que aconteceu comigo no Brasil. De estudante do Senai, eu virei presidente da República e fiz questão de dizer isso para os jovens hoje. Aquela camiseta do Senai que eles usavam pode garantir que eles amanhã estejam disputando um cargo importante aqui no Timor-Leste.



Aquilo é uma demonstração do que um país como o Brasil pode fazer para ajudar um país que tem menos possibilidades financeiras e com instituições menos sólidas. Formar homens, mulheres e adolescentes, já são 1.499 formados.

Eu discutia com o presidente a necessidade de que agora é preciso ter uma política de crédito para que essas pessoas possam se transformar em pequenos empreendedores. Acho que tanto o Ministro da Indústria e Comércio, como o Sebrae brasileiro, podem dar uma contribuição importante na formação do empreendedorismo aqui no Timor-Leste. Nós temos como contribuir, sobretudo, com a nossa experiência de agricultura familiar, que é uma coisa muito importante no Brasil. Nós temos como contribuir trazendo para cá e expondo para eles a nossa experiência do Territórios da Cidadania, que é um programa que nós lançamos através do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Nós temos como colaborar com eles discutindo projetos importantes, não só de estradas, mas de hidrelétricas, pois o país precisa produzir energia, precisa ter linhas de transmissão. Nós temos como contribuir com a Petrobras, vindo aqui com os seus técnicos e ajudando o governo do Timor-Leste a fazer os estudos que têm que ser feitos para saber qual a quantidade de reserva de petróleo que existe no Timor-Leste. Nós temos como ajudá-los trazendo aqui o Ministro do Esporte, para fazer políticas especiais para essa juventude. Tem muitas outras coisas, a partir da experiência brasileira, com as quais poderemos contribuir. Obviamente que nós temos noção de que tudo o que o Brasil puder fazer aqui só será feito subordinado à orientação política dos governantes deste país. Nós queremos ajudar e temos condições de ajudar.

Eu fiz questão de vir... O companheiro Celso Amorim estava insistindo para que eu viesse ao Timor-Leste e, vindo, que eu visitasse o Senai, porque ele sabia que o Senai iria mexer com a minha cabeça. Todo mundo sabe que eu tenho uma filosofia de vida que é a seguinte: a nossa cabeça pensa onde os nossos pés pisam. Vir aqui, ver a situação deste povo e ver como pode ser fácil



fazer coisas para ajudar este país a dar um salto de qualidade no seu desenvolvimento, é o mínimo que o Brasil pode fazer e é o mínimo que o presidente do Brasil pode fazer.

Por isso, Presidente, eu saio daqui com muito mais vontade de trabalhar em parceria com o Timor-Leste, e saio daqui muito mais convencido de que o Brasil pode construir parcerias com outros países para que juntos possamos trabalhar aqui no Timor-Leste. Eu pedi ao primeiro-ministro Xanana Gusmão para mandar para o Brasil os projetos importantes que ele acha que são prioridade para o salto de qualidade no desenvolvimento do Timor-Leste. Assim, nós vamos ajudar este país.

O Brasil está solidário desde o começo. É importante lembrar que foi um brasileiro chamado Sérgio Vieira de Mello que começou a trabalhar, em nome da ONU, para que este país se transformasse num país com instituições sólidas, com a democracia muito sólida. Lamentavelmente o Sérgio morreu, mas ele conseguiu passar o entusiasmo para o Celso Amorim que, lá do Brasil, tem tido uma preocupação extraordinária em ajudar a cuidar disso.

Eu queria terminar dizendo ao primeiro-ministro Xanana e ao presidente Horta que não tenham nenhuma preocupação de me chamarem de companheiro, não apenas de presidente. Às vezes, como presidente, a gente fica subordinado a vários fatores que não permitem que a gente faça o que quer fazer. Mas, podem me chamar de companheiro, como o companheiro aqui...

_____: Chamamos de “Maun boot”. “Maun boot”, em tétum, em português, significa irmão mais velho. Então, o irmão mais velho sempre ajuda o irmão mais novo.

Eu saio daqui, Presidente, muito mais convicto das possibilidades de o Brasil ajudar o Timor-Leste. Portanto, Vossa Excelência e o primeiro-ministro



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Xanana Gusmão podem saber que têm, no Brasil, os mesmos amigos que tinham quando todos nós queríamos chegar ao governo. Nós chegamos e agora temos que fazer aquilo que é o nosso compromisso com o povo.

Um abraço, gente, e até a próxima vez.

(\$211B)